

# Quarteto Tejo

6 Out 2020  
19:30 Sala 2

PRÉMIO JOVENS MÚSICOS/ANTENA 2  
RECITAL DOS VENCEDORES DO NÍVEL SUPERIOR DA EDIÇÃO 2019

PRÉMIO NOVOS  
TALENTOS  
CASA DA MÚSICA

**André Gaio Pereira** violino  
**Tomás Soares** violino  
**Sofia Silva Sousa** viola  
**Beatriz Raimundo** violoncelo

## Nuno Lobo

*Fractures* (2020; c.9min)

1. *Lacrimal*
2. *Radio*
3. *Sacro*
4. *Tarso*

## Ludwig van Beethoven

Quarteto n.º 7 em Fá maior, op. 59 n.º 1, "Razumovsky"

(1806; c.36min)

1. *Allegro*
2. *Allegretto vivace e sempre scherzando*
3. *Adagio molto e mesto*
4. *Tema russo (Allegro)*

\*Estreia mundial; encomenda Casa da Música.

## Nuno Lobo

PORTO, 1996

### JOVEM COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA 2020

Nuno Lobo é um compositor especialmente interessado em música instrumental/vocal e em formatos artísticos interdisciplinares. Procura inspirar-se em narrativas surrealistas, que influenciem essencialmente o seu processo composicional, mas também o resultado sonoro. Nas suas obras, é comum encontrarem-se ligações com elementos distintos tais como literatura, cinema, fenómenos físicos ou distúrbios de saúde.

É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (ESMAE) e mestre em Composição pelo Conservatorium van Amsterdam. Ainda em Amesterdão, fez uma especialização em aplicação de ritmos e conceitos 'karnáticos' na música ocidental, com Rafael Reina. Recebeu orientação de compositores como Daniel Moreira, Carlos Azevedo, Eugénio Amorim, Dimitris Andrikopoulos, Wim Henderickx e Willem

Jeths. Paralelamente, participou em seminários ou workshops com Helmut Lachenmann, Luca Francesconi, Rebecca Saunders, Unsuk Chin, Vic Hoyland, Theo Loewendi, George Benjamin e Harrison Birtwistle.

A sua música tem sido interpretada em Portugal e no estrangeiro, em salas de concerto de Amesterdão, Antuérpia, Haia, Milão, Utrecht e Eindhoven. Colaborou com vários festivais de música: Gaudeamus Muziekweek, EuroSax'17 Porto, Opera Forward Festival, SaxOPorto e Composer's Festival Amsterdam. Recebeu encomendas de instituições como RTP/Antena 2 (Prémio Jovens Músicos), Banda Marcial da Foz do Douro, Nieuw Ensemble, Maat Saxophone Quartet e Ensemble De Gloed. Colabora regularmente com a Dutch National Opera & Ballet, onde recebeu várias encomendas para realizar diferentes óperas, uma delas a estrear em 2021.

Em 2017, foi seleccionado para o workshop de composição "The Times Academy", um projecto de co-criação com o HERMES ensemble, em Antuérpia. Em 2018, a peça *Three Deadly Causes* conquistou o 3.º Prémio no concurso SIMM – New Music for harpsichord, em Milão. Mais recentemente, em 2020, ganhou o 3.º Prémio da Megalopolis Saxophone Orchestra's – Call for Scores 2020 em Boston (EUA), com a peça *303 / Circ. Praça Constituição*.

Para além da composição, estudou direcção musical com Eugénio Amorim, Artur Pinho Maria e Lucas Vis. Foi maestro assistente da Banda Marcial da Foz do Douro (2016-2017) e é actualmente maestro do coro de câmara Endora, em Uitgeest, Holanda (2020-). Foi também professor convidado na Fontys School of Fine and Performing Arts em Tilburg, Holanda (2019-2020).

## Fractures

*Fractures* é uma peça para quarteto de cordas, dividida em quatro miniaturas. A cada uma destas miniaturas correspondem diferentes ossos (I. Lacrimal, II. Radio, III. Sacro, IV. Tarso). Inicialmente, a minha inspiração musical teve origem na forma e em características específicas de cada um destes ossos. Mais tarde, já durante o processo composicional, comecei a imaginar pequenas narrativas para cada uma das miniaturas, como se cada um destes ossos contasse a história de como se fracturou.

NUNO LOBO, 2020

# Ludwig van Beethoven

BONA, 1770

VIENA, 1827

## Quarteto n.º 7 em Fá maior, op. 59 n.º 1, “Razumovsky”

Os três quartetos encomendados pelo conde Razumovsky foram escritos em 1806 mas a intenção de Beethoven em compô-los remonta a, pelo menos, 1804. Desde que havia terminado os seis quartetos opus 18, Beethoven tinha a intenção de progredir nas técnicas de composição específicas deste tipo de formação, mas outras prioridades surgiram. Sobretudo, despontou uma nova realidade social e uma nova consciência que abalou o seu mundo quando da invasão de Viena por parte das tropas de Napoleão. Foi nesse contexto que estreou a ópera *Leonore-Fidelio*, em Novembro de 1805, que ocupara a mente do compositor nesses últimos tempos. Esta decorreu sem o sucesso esperado sendo retirada de cartaz pelo próprio compositor e sujeita a um longo período de revisões. Uma nova estreia em Março de 1806 contentaria Beethoven, mas problemas pessoais com o director do teatro não permitiram que a ópera permanecesse em cena muito tempo.

Decorria o ano de 1806 e a encomenda do conde Razumovsky permitia a Beethoven concentrar-se num género de que gostava, deixar as confusões implícitas na produção de uma ópera e centrar-se numa música muito mais próxima à esfera do privado, onde os compositores podem dar asas à sua imaginação de uma forma muito mais contundente. Embrenhado no trabalho, perturbado pela agitação social que o rodeia, crente no culto do homem livre, Beethoven escreve parte dos quartetos na residência de Verão do príncipe Lichnowski, um local afastado da Viena ocupada por tropas francesas.

Os quartetos são germinados num período importantíssimo e que corresponde a um grito de libertação. Beethoven recusa-se a aceitar os condicionalismos sociais e as vontades dos mecenas. O testemunho irrefutável dessa vontade aconteceu mesmo nesse palácio de Grätz. Ao ser insistentemente convidado pelo príncipe para tocar para oficiais franceses ali instalados, Beethoven abandonou o palácio em plena noite caminhando até onde pôde arranjar transporte para Viena. Ao príncipe indignado deixou um bilhete: “...se o que sois o deveis ao acaso do nascimento, aquilo que eu sou sou-o por mim. Continuará sempre a haver príncipes aos milhares; Beethoven há só um.”

É após esta tomada de atitude libertadora que Beethoven apresenta os três quartetos op. 59, dos quais escutamos hoje o primeiro. O tema principal do primeiro andamento, *Allegro*, é apresentado pelo violoncelo numa bonita melodia de carácter improvisado e sem grande ímpeto, acompanhada por rápidos e repetitivos acordes. O desenvolvimento desta melodia num crescendo da complexidade da textura vai dar a este delicado tema uma dimensão sinfónica que reporta o ouvinte para a escrita da sinfonia heróica. A característica mais inovadora deste andamento está relacionada com as grandes dimensões do desenvolvimento, uma característica do Romantismo mais tardio, onde se explora um riquíssimo contraponto, recorrendo mesmo à escrita em fuga, e se atinge uma cumplicidade entre os diferentes instrumentos quase comovente.

O *Allegretto* é verdadeiramente deslumbrante. Com pequenos motivos fraccionados, Beethoven intercala pequenas células rítmicas com motivos populares aparentados com a dança ternária *Ländler*. Oscilando entre harmonias instáveis, em momentos de elegante recorte melódico e nos recorrentes parêntesis rítmicos, em pequenos ecos entre os instrumentos, todo o andamento é surpreendente.

O doloroso *Adagio* é uma espécie de canção com dois temas e desenvolvida em forma sonata. Toda a atmosfera trágica é forçada por via das harmonias dissonantes, da dinâmica em piano e da clareza da textura que permite ao ouvinte aperceber-se do desenho melódico de cada instrumento, mesmo que este faça um simples acompanhamento.

O *Allegro*, também conhecido como “Tema russo”, deve o seu nome à utilização de uma melodia popular russa apresentada pelo violoncelo e que terá sido proposta pelo conde Razumovsky a Beethoven. Este não é o único tema russo no conjunto dos três quartetos e o ouvinte atento até poderá achar que esta melodia influenciou, de certa forma, o primeiro andamento. O tema é omnipresente ao longo do andamento percorrendo todos os instrumentos na vasta tessitura que permitem, em diferentes estilos e tempos, podendo ser escutado num coral em *adagio*, antes de terminar num *presto* glorioso.

RUI PEREIRA, 2006

## Quarteto Tejo

O Quarteto Tejo teve origem nas margens do rio que lhe dá o nome, em Belém, após os quatro músicos residentes no estrangeiro se terem encontrado num curso de aperfeiçoamento e tocado em conjunto. O entusiasmo por abordar a música sem barreiras formais e experimentar diferentes sentimentos e ideias em união levou-os a formalizar o quarteto.

No ano da sua formação, em Janeiro de 2019, o Quarteto Tejo apresentou-se em Lisboa, Porto e Castelo Branco. Em Abril, foi um dos grupos seleccionados para a residência artística em West Dean College, Inglaterra, onde recebeu instrução intensiva do Quarteto Chiligran. O grupo é orientado por outros mentores, portugueses e internacionais, incluindo Paul Wakabayashi, Miguel da Silva (Quatour Ysaÿe), Kyril Zlotnikov (Jerusalem Quartet) e Paulo Gaio Lima.

No Verão de 2019, o grupo venceu o Prémio Jovens Músicos na categoria de música de câmara. O sucesso no concurso catapultou o Quarteto Tejo para palcos maiores, resultando em actuações no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, no Palácio Foz, no Palácio da Ajuda, no Festival Estoril Lisboa e no Festival Cistermúsica.

Numa vertente que conjuga *performance* e pedagogia, o Quarteto Tejo participou no ciclo “Ouvidos para a Música” em parceria com o maestro Martim Sousa Tavares, e orientou masterclasses no Conservatório Regional de Música de Viseu em parceria com a Orquestra Sem Fronteiras.

Em 2020/21, o quarteto estreia-se na Casa da Música e nos Serões Musicais do Palácio da Pena e grava o seu primeiro álbum, apoiado pela Fundação GDA.